

***INFORMATIVO GLOBAL DO
CENTRO DE ESTUDOS EM
POLÍTICA GLOBAL DO INSTITUTO
BRASILEIRO DE ENSINO,
DESENVOLVIMENTO E PESQUISA***

Informativo nº 1

CHINA CONTEMPORÂNEA E OS DESAFIOS PARA O PENSAMENTO GEOPOLÍTICO

Nota de aula - Centro de Estudos em Política Global (CEPG/IDP)

Aula ministrada por Prof. Pablo Ibañez (CEA/UFRRJ) no dia 10 de julho de 2026

Autores: Liele Rodrigues da Silva, Rafael Gomes França e Carolina Vicente Cesetti

Neste período de recesso o CEPG teve a honra de receber, para uma aula exclusiva, o professor Pablo Ibañez, doutor em Geografia Humana pela USP, professor adjunto da UFRRJ e coordenador do Centro de Altos Estudos da universidade, onde mantém o Ciclo de Debates sobre a China. Foi pesquisador visitante na Universidade Fudan, em Xangai, onde estudou os desdobramentos geopolíticos da Belt and Road Initiative. A exposição percorreu, em pouco mais de uma hora, o mapa do Pacífico, os estaleiros chineses, as terras raras e a Rota da Seda. A tese central é fácil de enunciar e difícil de digerir. A China deixou de ser apenas um tema de política externa e passou a ser um problema de método, porque os instrumentos com que o Ocidente costuma medir poder captam mal aquilo que Pequim vem construindo.

A aula abriu com um mapa-múndi centrado no Oceano Pacífico. O gesto é didático e também é um argumento. O Brasil não tem território, base nem área de influência no Pacífico, e por isso pensa a disputa entre Estados Unidos e China a partir de uma projeção que a esconde. Vista pelo Pacífico, a China aparece cercada por uma cadeia de ilhas, bases e alianças, do Japão às Filipinas. Mudar o mapa significa mudar a pergunta. Antes mesmo de discutir poder, o professor mostrou que a geopolítica começa pela forma como se observa o espaço.

O ponto de partida teórico foi Zbigniew Brzezinski. Em *The Geostrategic Triad* (2002), o estrategista americano listava dez afirmações sobre o que a China era e não era, entre elas a de que o país não se tornaria uma potência global e seria, no máximo, uma potência regional capaz de afirmar seus interesses nacionais. Ibañez lembra que o próprio autor reviu o diagnóstico na década seguinte. Serve como advertência sobre a validade curta das previsões nesse terreno e lembra uma frase, atribuída a Napoleão Bonaparte: "Deixem a China dormir, pois quando ela acordar, o mundo tremerá."

Os números de defesa favorecem largamente Washington. O professor apresentou dados que trazem cerca de US\$ 954 bilhões para os Estados Unidos em 2025, contra US\$ 336 bilhões da China. Ibañez sustenta que a comparação quantitativa engana. Boa parte do orçamento americano sustenta uma rede de aproximadamente 750 bases e uma sucessão de guerras, enquanto a China não trava conflito direto desde 1979 e concentra recursos em fusão civil-militar, pesquisa e desenvolvimento. Enquanto EUA investem e ao mesmo tempo gastam muito, a China investe e cresce de maneira mais serena.

O efeito aparece na base industrial. Dados da BRS Shipbrokers citados pelo New York Times mostram que, na última década, estaleiros chineses entregaram 6.765 dos 13.928 navios comerciais construídos no mundo, contra 3.120 do Japão, 2.405 da Coreia do Sul e 37 dos Estados Unidos. Em outubro de 2024, a Foreign Affairs publicou o artigo de Seth G. Jones sob o título "China Is Ready for War", com o subtítulo "And Thanks to a Crumbling Defense Industrial Base, America Is Not". O professor destacou o texto menos como previsão de conflito e mais como sintoma da crescente preocupação estratégica em Washington. Thinkers360

O mesmo desconforto sustenta o Critical Technology Tracker, do Australian Strategic Policy Institute, apresentado na aula na versão que atribuía à China liderança em 37 das 44 tecnologias monitoradas. A atualização de junho de 2026 endureceu o quadro: o levantamento passou a acompanhar 74 tecnologias e identifica liderança chinesa em 69 delas, além de elevar hardware e aceleradores de inteligência artificial ao nível de alto risco de monopólio tecnológico. Some-se a isso o domínio chinês sobre o processamento de terras raras e minerais críticos, insumos indispensáveis para ímãs permanentes, satélites, mísseis, baterias, veículos elétricos e data centers. Finfacts-blog

A mensagem é clara: a disputa entre grandes potências deslocou-se para a capacidade de controlar ecossistemas tecnológicos, reduzir dependências externas e, sobretudo, criar dependências em terceiros. Inteligência artificial, computação avançada, semicondutores e infraestrutura digital deixam de ser apenas setores econômicos para se converterem em instrumentos permanentes de projeção de poder.

O retorno do território

Contra a tese dos fins, do fim da história ao fim das fronteiras, Ibañez recupera Jean Gottmann e define território como circunscrição espacial do poder. Na apresentação, uma provocação resume essa ideia: apesar das sucessivas previsões sobre o desaparecimento do Estado-nação e das fronteiras, "as bases continuam as mesmas". O mundo globalizado multiplicou muros e cercas, o que Stéphane Rosière chamou de teicopolítica e que o professor lê como um dos grandes paradoxos da globalização. Citando Vanderlei Messias da Costa, seu orientador na USP, comparou a geopolítica às placas tectônicas, percebidas apenas quando se movem.

Taiwan é o ponto de maior incerteza. A comparação com a crise russo-ucraniana é tentadora e, segundo o expositor, insuficiente. A China combina demonstração de força, exercícios anfíbios e articulação política, na linha do que Liang e Xiangsui já descreviam em 1999, quando propunham "usar todos os meios, incluindo meios armados e não armados, militares e não militares, letais e não letais, para compelir o inimigo a aceitar os próprios interesses". Daí a recusa dupla que organiza a exposição. A China não é o urso panda inofensivo de certa leitura crítica, nem o adversário ideológico simétrico da leitura ocidentalista. Ibañez prefere a imagem do polvo, capaz de modular sua atuação, expandir tentáculos e aderir a territórios distantes sem necessariamente recorrer ao confronto direto.

Geoeconomia como estratégia

A segunda metade da aula tratou da Belt and Road Initiative, hoje com 149 signatários. O professor a descreve como um projeto singular de projeção de poder ao qual países aderem sem contrapartida política explícita. Mais do que um conjunto de obras de infraestrutura, a iniciativa articula bancos multilaterais, universidades, centros de pesquisa, fóruns permanentes, organismos financeiros e mecanismos de cooperação diplomática, compondo uma arquitetura institucional destinada a ampliar a presença internacional chinesa.

O exemplo utilizado foi o Corredor Econômico China-Paquistão (CPEC). Gwadar saiu de pequena vila portuária a porto operacional em pouco mais de duas décadas, mas permanece cercado por checkpoints, protestos locais e dificuldades de inclusão econômica da população residente. A própria evolução recente do CPEC para sua chamada "fase 2.0", com ampliação das zonas econômicas especiais e maior integração industrial, demonstra que infraestrutura sozinha não resolve os desafios da projeção internacional. Segurança, estabilidade política, legitimidade local e inclusão social permanecem elementos indispensáveis para a sustentabilidade do projeto.

Na América Latina, 14 países aderiram à Belt and Road Initiative, e a aproximação costuma vir acompanhada do rompimento de relações diplomáticas com Taiwan, como ocorreu no Panamá, na República Dominicana e em El Salvador. O Paraguai e o Brasil permanecem como exceção regional. Greenfdc.org; Observa China.

Pontes com a conjuntura

A exposição dialoga diretamente com o relatório Top Risks 2026, do Eurasia Group, publicado em janeiro deste ano. O primeiro risco global identificado não é a China, mas a revolução política nos Estados Unidos, seguida de "Overpowered", da Doutrina Donroe, da Europa sob cerco, do segundo front da Rússia, do capitalismo de Estado americano, da armadilha deflacionária chinesa, da inteligência artificial, do USMCA "zumbi" e da arma da água. O relatório trata a Guerra Fria 2.0 e a desglobalização como falsas chaves explicativas, convergindo com o ceticismo do professor diante da analogia bipolar. Eurasia Group

Outro aspecto enfatizado foi a crescente ocupação, pela China, dos espaços multilaterais deixados vagos pelos Estados Unidos. Enquanto Washington reduz financiamento a organismos internacionais e amplia movimentos de retração institucional, Pequim aumenta suas contribuições financeiras, amplia sua presença diplomática e busca maior influência no sistema das Nações Unidas. A disputa contemporânea ocorre também nas instituições internacionais, onde se definem normas, padrões técnicos e agendas capazes de moldar o funcionamento da ordem global.

O debate

Na discussão, pesquisadores do grupo relataram a experiência de acompanhar missão oficial brasileira à China e resumiram a assimetria de preparo entre as delegações. Descreveram ainda a oferta tecnológica chinesa como um pacote integrado, no qual tecnologia, financiamento, infraestrutura digital, capacidade industrial e armazenamento de dados são oferecidos conjuntamente, criando dependência de padrões técnicos e institucionais. É a tradução prática do argumento desenvolvido ao longo da aula. A disputa entre Estados Unidos e China não se decide apenas em porta-aviões, mas na infraestrutura física e digital que sustenta o cotidiano dos países que ainda imaginam estar apenas escolhendo parceiros comerciais.

A principal contribuição da aula talvez não tenha sido oferecer respostas definitivas sobre a China, mas mostrar que as perguntas tradicionais da geopolítica já não bastam. Medir poder apenas por gastos militares, número de bases ou dimensão do PIB torna-se insuficiente diante de uma estratégia que combina território, tecnologia, indústria, finanças, infraestrutura, instituições multilaterais e planejamento de longo prazo.

Ao final da exposição permaneceu uma impressão difícil de ignorar. Se as placas tectônicas da geopolítica realmente estão se movendo, como sugeriu Pablo Ibañez, compreender a China exige mais do que acompanhar o crescimento de uma potência. Exige revisar os próprios instrumentos com que observamos o mundo. Talvez o maior desafio contemporâneo não seja explicar a ascensão chinesa, mas reconhecer que parte das categorias com que ainda pensamos a ordem internacional pertence a um mundo que já começou a desaparecer.